



## Projeto “Memórias do Veloso”: práticas educativas a partir de experiências em uma cidade patrimonializada (Ouro Preto – MG)<sup>1</sup>

*“Memórias do Veloso” project: educational practices based on experiences in a heritage city (Ouro Preto – MG)*

**Maria Cecília Machado Faustino**  
Mestre em Educação  
Universidade São Francisco – USF  
Itatiba, São Paulo – Brasil  
[mc060198@gmail.com](mailto:mc060198@gmail.com)

**Sônia Aparecida Siquelli**  
Doutora em Educação  
Universidade São Francisco – USF  
Itatiba, São Paulo – Brasil  
[soniapsiquelli@gmail.com](mailto:soniapsiquelli@gmail.com)

**Maria Cristina Rocha Simão**  
Doutora em Urbanismo-UFRJ  
Instituto Federal de Minas Gerais – IFMG  
Ouro Preto, Minas Gerais – Brasil  
[cristina.simao@ifmg.edu.br](mailto:cristina.simao@ifmg.edu.br)

**Resumo:** Este artigo é fruto do projeto intitulado “Memórias do Veloso”, com raízes no bairro periférico de São Cristóvão no município de Ouro Preto, Minas Gerais. O projeto é resultado de pesquisas e extensão do Instituto Federal de Minas Gerais, desenvolvido por pesquisadores e moradores do bairro. O objetivo foi compreender a seara do patrimônio cultural situado no município a partir das relações estabelecidas pela população com o patrimônio local em termos de apropriação e vivência, o que evidenciou conflitos, significados, dissensos e negações. Focalizaram-se as ações propostas no bairro, de modo a ultrapassar análises que ficassem presas a um nível superficial de pesquisa e apreensão do conhecimento construído. Dessa maneira, os moradores do Veloso foram assumidos como sujeitos ativos partícipes na construção dos projetos e compreendidos como essenciais na construção de outras abordagens e narrativas históricas, para além daquelas instituídas como oficiais.

**Palavras chave:** memórias; bairro do Veloso; patrimônio cultural; narrativas.

**Abstract:** This article derives from the project entitled “Memórias do Veloso”, with roots in the peripheral neighborhood of São Cristóvão in the municipality of Ouro Preto Minas Gerais, Brazil. The project is the result of scientific research and extension initiatives of the Federal Institute of Minas Gerais, developed by researchers and residents of that neighborhood. The aim was to understand the matter of the cultural heritage located in the municipality from the relationships established by the population with the local heritage in terms of appropriation and experience, which showed conflicts, meanings, disagreements and denials. The proposed actions were focused on the neighborhood, in order to go beyond analyzes that were stuck at a superficial level of research and apprehension of constructed knowledge. In this way, the residents of Veloso were assumed as active subjects participating in the construction of the projects and understood as essential in the construction of other approaches and historical narratives, in addition to those instituted as officials.

**Keywords:** memories; Veloso neighborhood; cultural heritage; narratives.

Cite como

(*ABNT NBR 6023:2018*)

FAUSTINO, Maria Cecília Machado; SIQUELLI, Sônia Aparecida; SIMÃO, Maria Cristina Rocha. Projeto “Memórias do Veloso”: práticas educativas a partir de experiências em uma cidade patrimonializada (Ouro Preto – MG). *Dialogia*, São Paulo, n. 46, p. 1-13, e24487, set./dez. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/46.2023.24487>

*American Psychological Association (APA)*

Faustino, M. C. M., Siquelli, S. A., & Maria Cristina Rocha Simão. (2023, set./dez.). Projeto “Memórias do Veloso”: práticas educativas a partir de experiências em uma cidade patrimonializada (Ouro Preto – MG). *Dialogia*, São Paulo, 46, p. 1-13, e24487. <https://doi.org/10.5585/46.2023.24487>

<sup>1</sup> Este artigo teve como base a dissertação de Mestrado em Educação intitulada *Patrimônio Cultural: diálogos sobre as potencialidades de uma educação patrimonial que siga ao encontro de sensibilidades insurgentes* (Faustino, 2022), vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade São Francisco (USF), Itatiba, São Paulo.

## 1 Introdução

O projeto intitulado “Memórias do Veloso” foi uma exposição idealizada e realizada a partir de ações desempenhadas no bairro periférico de São Cristóvão, popular e carinhosamente referido como Veloso, localizado no município de Ouro Preto, em Minas Gerais (MG). Foi fruto das iniciativas de pesquisa e extensão respectivamente intituladas “Populações vulneráveis e patrimônio cultural urbano: investigação sobre o processo de vivência e apropriação em Ouro Preto (MG)” e “Diálogos sobre o patrimônio cultural”. Tais pesquisas foram desenvolvidas a partir do curso de tecnologia em Conservação e Restauro de Bens Imóveis do Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG) no ano de 2018.

Ainda que nascidas de uma iniciativa institucional e acadêmica, ambas as pesquisas tinham como norte de suas ações o diálogo. Nessa perspectiva, pontuamos não apenas o diálogo entre si, considerando as diferentes abordagens que, naturalmente, assumiram a pesquisa e a extensão, mas a interação e a colaboração com duas outras iniciativas: o “Projeto Olhares (im)possíveis”, partícipe do Programa Sentidos Urbanos, promovido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que apresenta como proposta, por meio de novas perspectivas, apreender as dinâmicas existentes na cidade patrimonializada; e o “Projeto Palimpsestos Urbanos”, desenvolvido pelo Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DEARQ) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), o qual focaliza a elaboração de mapas afetivos do meio urbano que leve em conta fatores sociais de identidade e afinidade com o local.

O bairro São Cristóvão é popularmente referenciado como Veloso em decorrência do processo de posse do terreno pelo minerador e mestre de obras coronel José Veloso do Carmo, no final do século XVIII (Campos, 2014). A expansão do bairro “[...] se intensificou nas décadas que se seguiram a 1950. Em 2004, a parte baixa do bairro já estava praticamente ocupada, enquanto [...] as zonas oeste e norte, se tornavam alvo da ocupação” (Oliveira, 2010, p. 100). Levando em conta:

[...] a disposição geográfica e urbana atual de Ouro Preto, o perímetro de estudo localiza-se na região periférica da cidade, apresentando grande diversidade em relação ao seu padrão construtivo, apresentando estabelecimentos comerciais e, principalmente, moradias de estrutura simples configurando habitações unifamiliares e multifamiliares (Azevedo; Machado, 2018, p. 389-390).

O bairro do Veloso destaca-se, ainda, por estar localizado em uma área de acesso ao município de Ouro Preto, próximo à região central, hipervalorizada do ponto de vista histórico, cultural e, conseqüentemente, turístico. Esse foi um dos motivos que matizou a escolha desse bairro como de estudo caso, considerando que, ao lado da região mais sacralizada da cidade,

(re)existe uma população vulnerável, invisibilizada e marginalizada do ponto de vista social e econômico.

Propôs-se, então, o estudo da seara do patrimônio cultural, especificamente aquele situado no município de Ouro Preto, a partir das relações estabelecidas pela população com o patrimônio local em termos de apropriação e vivência, o que evidenciou conflitos, significados, dissensos e negações “[...] em relação ao discurso oficial e as blindagens que a cidade patrimonializada expõe aos seus moradores” (Azevedo; Machado, 2018, p. 389).

Ao contrário de uma certa idealização que toma a escola como uma comunidade sacralizada do saber e do conhecimento, propomos considerar as possibilidades de construção do conhecimento em espaços não escolares, tendo em vista que neles se dão muitas das aprendizagens, como, por exemplo, as múltiplas sociabilidades. É nessa direção que pretendemos olhar para as cidades: como espaços de relevância para pensarmos outras construções e outros saberes no que tange à educação formal e à educação patrimonial, já que estamos lidando, especificamente, com experiências que são processadas em uma cidade patrimonializada.

Nesse sentido, delineamos nossa abordagem atentando, também, para os princípios contidos na Carta das Cidades Educadoras<sup>2</sup> (Associação Internacional de Cidades Educadoras, 2018), inicialmente pensada na década de 1990, que tem como um de seus objetivos a promoção do “[...] equilíbrio e a harmonia entre identidade e diversidade, salvaguardando as contribuições das comunidades que a integram e o direito de todos aqueles que a habitam, sentindo-se reconhecidos a partir da sua identidade cultural” (Associação Internacional de Cidades Educadoras, 2018, p. 3).

## 2 Caminhos metodológicos: sobre o movimento de envolver-se no e com o projeto

A relação entre a cidade patrimonializada e seus moradores acolheu os olhares dos sujeitos que conformam a comunidade do Veloso e que, portanto, não só estão envolvidos, como também fizeram parte da construção dos projetos propostos. Nessa direção, consideramos fundamental reconhecer e reafirmar o compromisso ético com a exposição de suas histórias. Assumimos, por conseguinte, a posição de que a “[...] autodeclaração de princípios e de procedimentos éticos na pesquisa é a manifestação escrita pela qual o próprio pesquisador explicita os princípios, os procedimentos e as demais questões éticas envolvidas no processo de pesquisa” (Mainardes; Carvalho, 2019, p. 206). Segundo os autores:

---

<sup>2</sup> A Carta das Cidades Educadoras apresenta 20 princípios baseados “[...] na Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948), no Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (1966), na Declaração Mundial da Educação para Todos (1990), na Convenção nascida da Cimeira Mundial para a Infância (1990) e na Declaração Universal sobre Diversidade Cultural (2001)”, sendo “[...] revista no III Congresso Internacional (Bolonha, 1994) e no de Gênova (2004), a fim de adaptar as suas abordagens aos novos desafios e necessidades sociais” (Associação Internacional de Cidades Educadoras, 2018, p. 1).

Podemos considerar que, em termos de reflexividade e de vigilância, a autodeclaração pode ser mais eficaz que a mera submissão a um Comitê de Ética em Pesquisa, na medida em que envolve o conhecimento, a reflexão e a aplicação de questões éticas, bem como a publicização de reflexões, de decisões e de dilemas éticos envolvidos no processo de pesquisa (Mainardes; Carvalho, 2019, p. 207).

Tendo isso em vista, explicitamos algumas das questões éticas que matizaram todo o processo de desenvolvimento de tais projetos. Em primeiro lugar, levamos em consideração os valores que conduziram a pesquisa e sua análise (Gewirtz, 2007). Cientes de que a história tradicional privilegia determinados valores, sobretudo os do homem branco, cristão e escolarizado, detentores de poder e, portanto, da perpetuação de determinada narrativa, propusemo-nos a construir outras narrativas possíveis sobre a história, escovando-a a contrapelo (Benjamin, 1987), a partir dos olhares dos sujeitos e dos grupos historicamente oprimidos.

A transmissibilidade dessa história propaga, também, esses valores. Tais valores, integrados a uma sociedade que compartilha desse pensamento hegemônico, acaba por traduzi-lo em inúmeras formas de exclusão, preconceitos e segregação social (tendo em vista diferentes valores e modos de ser e estar no mundo). Assim sendo, delineamos a abrangência e a relevância da pesquisa (Creswell, 2007), considerando que, com essa outra possibilidade de narrativa da história, buscamos subverter a lógica de ordem e de progresso instaurada pela história tradicional. Para além disso, buscamos ampliar a noção de pensamento do passado, olhando para questões candentes do presente, com vistas a possibilidades de um futuro que possa acolher e oferecer possibilidades de emancipação para os segmentos sociais negligenciados.

No que diz respeito à ética na coleta de dados (Creswell, 2007), desde o princípio da idealização dos projetos, era de preocupação o consentimento dos sujeitos envolvidos, tanto em relação à participação das ações (tendo em mente, principalmente, que trabalhamos com crianças), quanto em relação à exposição de sua imagem e experiências compartilhadas, por meio de termos de consentimento de captação de áudio e imagem. Compreendemos que a exposição do vivido era, de certa forma, uma demanda – não em um sentido de “dar voz” a esses sujeitos, a essa comunidade, mas de fazer ouvi-las, levando em conta, inclusive, toda a articulação diária de conquista de um espaço em que pudessem alcançar seu lugar de fala e seus anseios.

Nossa experiência com os moradores do Veloso tornou-se cotidiana – foram criados vínculos que apenas uma vivência íntima e de confiança poderia proporcionar. Dia após dia, desenvolvemos uma relação de troca e, por isso, de cuidado. Aqui, esbarramos em questões éticas na análise, interpretação e divulgação dos dados coletados (Creswell, 2007). Desse modo, firmamos um compromisso com o “[...] rigor na análise, honestidade, compromisso com os participantes [e]

garantia de anonimato dos participantes [quando solicitado ou julgado conveniente] [...]” (Mainardes; Carvalho, 2019, p. 207).

É importante enfatizarmos que, nesse momento, consideramos as formas pelas quais fomos afetados por tal experiência. Lidamos com todos os dilemas que envolviam o duplo papel que assumimos: de partícipes ativos da pesquisa, em interação com as problemáticas cotidianas; e de pesquisadores. Nesse processo, compreendemos que o distanciamento era tão importante quanto o afeto, em um exercício de autoconsciência, como quem olha de fora da ilha, no rastro de Saramago (1999, p. 27-28), pois “[...] todo homem é uma ilha [...] [e] é necessário sair da ilha para ver a ilha, que não nos vemos se não nos saímos de nós, se não saímos de nós próprios”.

Ainda assim, temos consciência de que o que inflama a urgência de ação é a partilha e o choque de nossas sensibilidades. Isso por compreendermos essa consciência como sentido que possibilita “[...] a ultrapassagem do eu superficial e uma relação mais dinâmica e íntima entre o sujeito e o objeto. Ter consciência é possuir capacidade de articular dimensões de temporalidade e duração contidas na relação entre presente, passado e futuro” (Galzerani, 2009, p. 20)

Apropriamo-nos da compreensão de que as noções sobre cultura, patrimônio e memória se dão como construções sociais, e, por isso, consideramos a potência das ferramentas e dos conhecimentos acadêmicos a partir das possibilidades de sua expansão. Tendo isso em vista, atentamo-nos para que nossa posição, de pesquisadoras, não fosse expressa de forma autoritária, de modo que pudesse favorecer um conhecimento unilateral. Consideramos tal posicionamento fundamental para que fosse possível estabelecer um diálogo paritário, principalmente, com os sujeitos envolvidos nesse processo de construção conjunta do conhecimento.

### *2.1 Reconhecimento do bairro do Veloso*

Ainda que já tivéssemos nos reunindo para idealizar os projetos, realizando revisões e sínteses bibliográficas que auxiliariam a análise dos materiais que resultaram de nossas ações, percebemos, no primeiro encontro com alguns moradores e lideranças de instituições da comunidade, que nosso arcabouço teórico se mostrava insuficiente para lidar com um patrimônio cultural que, em nossa concepção, adquire significados a partir da elaboração e da reelaboração contínua por parte dos atores sociais que a todo momento o experienciam.

Fazemos, então, uma rememoração das primeiras caminhadas de (re)conhecimento do bairro, ideia do Sr. João<sup>3</sup>. “Eu posso até contar, mas vocês precisam ver!”, disse ele. “Só duvido que vão conseguir acompanhá-lo nessas caminhadas”, provocou e riu o Sr. Pedro. Tanto o “Seu”

---

<sup>3</sup> Pela razão da ética em pesquisa, apresentamos os nomes próprios de forma fictícia.

João quanto o “Seu” Pedro faziam parte, como líderes, da Associação de Moradores. O Sr. Pedro foi o primeiro que conhecemos, sempre muito disposto e com um grande sorriso no rosto. Era ele quem sempre nos abria as portas de madeira azul da Associação, local em que realizamos grande parte de nossos encontros e ações.

O Sr. João era referenciado como a cabeça e o coração do bairro. “É só perguntar para ele; ele vai saber te responder”, era o que qualquer pessoa respondia quando fazíamos alguma pergunta sobre o Veloso. Quando nos lembramos do Sr. João, de fato, “cabeça” e “coração” são os termos que nos vem à mente. Cabeça porque ele é dono de uma memória que impressiona – acreditamos que isso possa ser efeito de sua sede de rememoração: lembrar de experiências e histórias era quase um *hobby*, fazia-o por horas com seu jeito calmo e voz mansa. Era, também, tarefa fácil caminhar ao seu lado por horas. De seus 82 anos, morou 70 no Veloso. Tinha muito o que rememorar sobre o bairro. Coração porque ali, no bairro do Veloso, o Sr. João foi constituído como sujeito, que não só foi afetado pelas vivências e experiências em comunidade, mas esta também o afetou, na medida em que ele assumiu papel ativo no cotidiano vivido do bairro, especialmente no que diz respeito aos anseios e às demandas locais, promovendo movimentos e iniciativas em prol de melhorias do ponto de vista social e cultural. Essa trajetória foi responsável pela construção de uma íntima e afetuosa relação para com o bairro do Veloso e todos aqueles que por ali passaram e permaneceram e que, como uma via de mão dupla, nele se reconhecem.

Em uma dessas caminhadas, ele nos levou a alguns dos lugares que considerava expressar a história do Veloso. Ao bradar que “aqui também temos patrimônio”, ele nos conduziu a um trajeto, como um guia afetivo, chamando atenção para vários elementos do patrimônio cultural do bairro. Visitamos uma área que, hoje, comporta um sistema responsável pelo abastecimento de boa parte da cidade. Ali, nos fundos de uma casa aparentemente abandonada, por entre cercas enferrujadas e pilhas de lixo, chamou-nos atenção a existência de uma mina e um chafariz datados de 1890. Ele expressou condolência pela situação e pelo descaso do poder público responsável pela proteção daqueles elementos.

Ali por perto, também vimos, tímida, escondida por entre construções, o que o Sr. João contou ser “a única cruz esculpida em um só bloco de pedra que existe na cidade”. Nesse momento, ele também expressou certa tristeza, não por estar ali, fora de acesso. Se as pessoas ali construíram, da forma que construíram, possivelmente foi porque era urgente a necessidade de moradia. Tristeza, porque, inúmeras vezes, foram acionados órgãos competentes para sua realocação.

Essa situação evidencia não apenas a problemática da moradia na periferia e a dignidade cidadã de seus moradores, mas também demonstra as formas pelas quais o patrimônio afeta e é afetado pela população, que está, o tempo todo, a ele atribuindo significados, em um constante

processo de ressignificação. Essa experiência, assim narrada e compartilhada, permite a problematização das concepções de cultura, patrimônio, memória, identidade e história como concepções dadas, acabadas e fechadas para possíveis negociações de sentidos. Isso nos leva a pensar sobre a urgência de lugares que acolham essas narrativas e sensibilidades.

## 2.2 “Varal de Memórias”: entre a pesquisa e as múltiplas vivências e experiências

Como já afirmamos, ainda que as experiências fossem compartilhadas, os projetos de pesquisa e extensão assumiram diferentes abordagens, principalmente metodológicas. A iniciativa de pesquisa pretendia a investigação das relações dos moradores do bairro, tanto com o entorno imediato e o patrimônio local, quanto com a cidade patrimonializada (e, por vezes, sacralizada) como um todo, acolhendo as formas pelas quais esses indivíduos são afetados pela lógica urbana patrimonial, na mesma medida que também a afetam.

Buscamos, portanto, o acolhimento de tais possibilidades de (re)configuração das relações com o patrimônio cultural, tendo como base as percepções e as experiências dos indivíduos inseridos naquele meio, visando possíveis contribuições com “[...] o planejamento urbano ao abordar essa perspectiva na dinâmica urbana, visibilizando a percepção de parcela da população à margem desse processo” (Azevedo; Machado, 2018, p. 389).

Para além de outras atividades coletivas realizadas em conjunto com os demais projetos e com os moradores, tal abordagem proposta pela iniciação de pesquisa se realizou a partir da entrevista com 11 diferentes moradores. A escolha deles foi matizada tanto pela sua disponibilidade, quanto pela busca por uma representatividade em termos de gênero, faixa etária, escolaridade, grau econômico e localização de sua moradia no bairro.

A intenção era que esses sujeitos pudessem se expressar de uma forma mais livre, sem a sensação de intimidação que, por vezes, pode carregar a “entrevista”. Por isso, foram conduzidas como conversas abertas, embora houvesse questões-chave que as nortegassem, levando em consideração a investigação da atribuição de valores afetivos, documentais, de uso e estéticos pelos sujeitos em relação ao patrimônio.

Nessa direção, optamos pela utilização de um roteiro semiestruturado previamente elaborado que desse conta de abordar as várias percepções dos moradores, tendo em vista seus vínculos de afeto e apropriação para com o entorno do patrimônio consagrado; as formas pelas quais compreendiam e lidavam com os reflexos do processo de patrimonialização; e, por fim, questões relacionadas ao uso da cidade em suas funcionalidades cotidianas.

A partir da transcrição das entrevistas, foi possível mapearmos as percepções, as sensibilidades, os anseios e as demandas engendradas nessa relação, o que auxiliou em propostas

no âmbito do planejamento e de gestão urbana compartilhada como meio de garantia do uso e da fruição dos lugares patrimonializados, tal como garantia do exercício digno da cidadania.

Tais entrevistas deram corpo a um dos circuitos expositivos que compunham o projeto “Memórias do Veloso”. Destacamos a força que carrega o processo de rememoração, atentando para o fato das nossas sensibilidades terem sido chacoalhadas por memórias que não eram nossas e que nasceram da evocação de um passado de outro. Atingidas por imagens inesperadas, involuntárias (Cunha; Prado, 2017), nossos sentidos foram desestabilizados por esses elementos contidos em memórias outras, as quais, acrescidas de nossas próprias experiências e memórias, nos permitiram uma abertura recheada de novas possibilidades para (re)pensar o passado, o presente e o futuro. Hoje, compreendemos que partilhamos dessas memórias coletivas.

Propusemo-nos à árdua tarefa de selecionar trechos das falas dos entrevistados para que pudessem ser expostas, impressas em pequenos pedaços de papel que ficariam suspensos por cordas de *nylon*, espalhadas por todo um salão da Associação de Moradores do bairro do Veloso. Seriam trechos que se ergueriam como fio condutor da narrativa da exposição que foi intitulada “Varal de Memórias”.

À época, o processo de escolha das frases que iriam compor a exposição se realizou de modo mais ou menos inconsciente. Revisitar os trechos escolhidos nos aproximou de reminiscências que nos levaram a compreender que escolhemos os momentos que mais nos afetaram, e as frases, nesse sentido, mostram-se, para além de seu poder narrativo, como materialização de nossas sensibilidades afetadas por aqueles fragmentos de tempo. Esse movimento nos leva a reafirmar a noção de que tais projetos e ações culturais pressupõem escolhas de sujeitos matizados por concepções múltiplas de ser e estar no mundo.

É importante enfatizarmos ainda que, com o Varal de Memórias, se invertem as lógicas que operam a narrativa da história oficial (Thompson, 2001). O ato de narrar suas experiências, partilhar suas histórias, não só dizem sobre o processo de construção de uma memória coletiva, como também atribui aos sujeitos silenciados o papel de narradores históricos, o que permite que a história seja escovada a contrapelo (Benjamin, 1987).

Para Bosi (2003), não existe verdade absoluta em qualquer narrativa, mas a verdade própria daquele que narra. Para a autora, é essencial que se tenha essa ideia em mente, compreendendo o ato de rememorar de cada sujeito como um “[...] mapa afetivo da sua experiência e da experiência do seu grupo [...]” (Bosi, 2003, p. 56). Para além da busca por uma dada verdade, é preciso que estejamos atentos às rupturas, às dissonâncias, às construções e às múltiplas sensibilidades presentes nas narrativas museológicas.

Os trechos das entrevistas que compuseram o Varal de Memórias são narrativas de indivíduos comuns, representados com suas referências culturais e, também, seus problemas sociais. Para Halbwachs (2006), os fenômenos sociais mostram-se como elementos condicionantes da construção da memória. Esse fato é ilustrado por um dos trechos escolhidos que narrava, especificamente, a problemática da moradia na cidade de Ouro Preto, o que acaba por apresentar-nos um fragmento da história da configuração das periferias na cidade.

Para Cunha e Prado (2017), ao associar-se com o tempo presente, o exercício da rememoração assume função política: a partir do momento em que são acessadas experiências, muitas vezes marginalizadas ou esquecidas, as memórias agem como um enfrentamento de questões que foram negligenciadas no passado e que assim permanecem no presente. Aqui, a rememoração age a contrapelo, na medida em que, na contramão de um resgate do passado, se compromete a ampliá-lo, “[...] no sentido de não deixar que sejam apagadas outras possibilidades que, no encontro com o presente, ainda podem ou precisam ser (re)significadas em prol de um futuro também aberto” (Cunha; Prado, 2017, p. 32)

### 3 Da extensão à construção do projeto “Memórias do Veloso”: análises possíveis

O Varal de Memórias não foi o único circuito que prezou a narrativa das memórias coletivas a partir da representação das identidades que conformam o Veloso. O projeto de extensão, em colaboração com os projetos promovidos pelo IPHAN e pelo DEARQ/UFOP, promoveu diversas atividades com as crianças moradoras da comunidade, de faixa etária entre 9 e 12 anos, em busca de acessar as formas pelas quais suas sensibilidades eram afetadas (e também afetaram, em um constante processo de resignificação) pelos elementos que conformam a cidade patrimonializada, compreendendo algumas das múltiplas relações por eles estabelecidas com o patrimônio, sobretudo local.

Inicialmente, foi realizada uma caminhada pelo bairro onde as crianças, em fila indiana e vendadas, sempre sob a supervisão dos dez bolsistas, eram provocadas a perceber o bairro a partir de outros sentidos que não a visão, muitas vezes tida como sentido primário e principal de percepção das coisas. Na perspectiva de Taborda de Oliveira (2012, p. 40), o “[...] olhar, ou o sentido da visão, é solicitado a todo o tempo, e, por isso, o passante deve estar a todo tempo alerta, curioso, atento na vida cidadina. Além disso, o olhar serve como vigia, coibir comportamentos, controlar a multidão de desconhecidos”.

Esse processo buscou acessar sensibilidades outras a partir do estímulo aos sentidos do olfato, tato e audição, demonstrando, assim, as possibilidades múltiplas de percepção de lugares que as crianças já conheciam íntima e previamente. Dessa forma, puderam compreender as

possibilidades de ressignificação e de reconfiguração dos elementos ao seu redor, o que envolveu, por isso, a compreensão de que esses não são elementos fechados de significação.

Em um dos encontros na Associação de Moradores, foi proposta às crianças a elaboração de mapas afetivos. De acordo com suas lembranças, elas deveriam desenhar o caminho que percorriam de suas casas até a Associação, destacando quaisquer elementos que mais chamavam sua atenção ou que, para elas, algo significava. Ao fim da atividade, suas experiências foram compartilhadas entre si. A partir dessa troca, todas as crianças, em conjunto, participaram da elaboração de um mapa afetivo coletivo que desse conta de representar suas memórias coletivas sobre o bairro e que compôs, junto aos mapas afetivos individuais, um dos circuitos expositivos do projeto “Memórias do Veloso”. Essa atividade, a nosso ver, materializa a ideia da rememoração, visto que, a partir da narrativa de experiências particulares, embebidas por experiências próprias, as memórias individuais foram não só ressignificadas, como constituíram uma memória coletiva que produziu uma narrativa capaz de representar a identidade daquele grupo.

Quando conversamos com as crianças sobre as entrevistas realizadas como iniciativa do projeto de pesquisa, percebemos certa curiosidade e empolgação, o que foi suficiente para dar cabo a uma ideia que já havia sido discutida entre nós, pesquisadores. Em conjunto, as crianças elaboraram um roteiro de entrevistas em que elas elencaram algumas indagações sobre o cotidiano vivido e a história do bairro que lhes eram de interesse. Esse roteiro subsidiou entrevistas com alguns dos moradores mais antigos do bairro, mediadas pelas próprias crianças, entusiastas da função de jornalistas e cinegrafistas.

O interesse e a afinidade por atividades que demandam recursos tecnológicos eram evidentes. Nesse sentido, articulamos um momento em que provocamos as crianças a pensar o conceito de patrimônio cultural a partir dos elementos culturais da cidade comumente expressos em cartões postais e, conseqüentemente, como modelos representativos do patrimônio, dignos de valorização e de preservação. Compreendemos, juntos, que o valor do patrimônio cultural é atribuído pelas pessoas que o experienciam e que a ele, em uma ação constante, atribuem significados.

Como meio de ressignificação da concepção de patrimônio, saímos em companhia das crianças em uma caminhada a fim de captar, por meio de fotografias e a partir dos nossos diversos olhares, imagens que nos representassem como sujeitos ativos no processo de ressignificação do patrimônio cultural. Essas imagens foram transformadas em cartões postais e distribuídas no projeto “Memórias do Veloso”.

#### 4 Considerações finais

O diálogo paritário, a vivência e os momentos de troca com os moradores e algumas lideranças de instituições da comunidade, vulneráveis, invisibilizados e regionalizados social e economicamente, permitiram reflexões acerca das relações afetivas e culturais construídas, das (re)significações acerca dos discursos e de narrativas históricas oficiais. Isso possibilitou, também, a compreensão das múltiplas experiências em uma cidade patrimonializada por diversos ângulos, a partir dos olhares dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Com base nessa interação que percebemos a necessidade de criar um espaço de educação patrimonial que pudesse dar conta de uma narrativa da cidade que não aquela idealizada e calcada em valores pré-determinados pela história oficial. Esse anseio foi materializado em uma exposição que ocorreu na Associação de Moradores do próprio bairro. A população local foi responsável por trilhar perspectivas em relação à produção de conteúdos significativos, utilizando os projetos acadêmicos como uma ferramenta à construção dessa narrativa.

Os moradores assumiram, ainda, o centro das decisões e dos debates propostos para a exposição. Todo o material produzido evidenciou as múltiplas relações e sensibilidades da população local, que, a partir da concepção do Memórias do Veloso, foi transportada de um lugar de invisibilidade para a posição de produtores da história. Ocupar essa posição foi resultado de um processo que tomou como prioridade a construção coletiva da memória e, por conseguinte, o fortalecimento de laços identitários e de pertencimento.

É fundamental pontuarmos, também, que as contribuições desta pesquisa podem ser vistas através de várias lentes, embora, neste artigo, tenhamos optado pela lente da educação. Destacamos sua potência para pensar o campo do planejamento urbano, já que as relações cotidianas com a cidade patrimonializada estão diretamente associadas a questões territoriais, econômicas, políticas e sociais. Do ponto de vista do cotidiano vivido, as problemáticas trabalhadas, da forma como o foram, podem auxiliar, a exemplo, o desenvolvimento de políticas públicas urbanas considerando as necessidades expostas por aqueles que com elas convivem diariamente.

Tomarmos a cidade como espaço educativo, para além dos muros da escola, significa considerarmos práticas sociais que estejam alinhadas à pluralidade dos diversos sujeitos. Esse tipo de educação, também localizada no campo da educação não-formal, possibilita que os sujeitos estabeleçam conexões com as temáticas vividas, foco de pesquisa e estudos diversos, potencializando, assim, a construção de relações de pertencimento e identidade – já que partimos do princípio básico das demandas e dos anseios daqueles envolvidos nesse processo.

Nessa direção, enfatizamos a potência do processo de construção de conhecimento a partir das experiências nas cidades, tendo em vista que é preciso tomar o direito a seu aspecto educador

no sentido de assegurar valores relacionados à justiça e à equidade social, destacando, dessa forma, as potencialidades da incorporação dos princípios da cidade educadora em projetos políticos e formativos.

### Referências

- ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE CIDADES EDUCADORAS. *Carta das Cidades Educadoras*. 2018. Disponível em: <https://www.edcities.org/rede-portuguesa/wp-content/uploads/sites/12/2018/09/Carta-das-cidades-educadoras.pdf>. Acesso em: 16 out. 2023.
- AZEVEDO, Nathália Freire; MACHADO, Maria Cecília. Populações vulneráveis e patrimônio cultural urbano: vivência e apropriação em Ouro Preto (MG). In: FÓRUM DE CAPACITAÇÃO DE AGENTES MUNICIPAIS DE FISCALIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL, 1., 2018, Ouro Preto. **Anais** [...]. Ouro Preto: Congresso Mineiro de Direito do Patrimônio Cultural, 2018. p. 388-392. Disponível em: [https://www.geoline.com.br/wp-content/uploads/2022/03/congresso\\_mineiro.pdf](https://www.geoline.com.br/wp-content/uploads/2022/03/congresso_mineiro.pdf). Acesso em: 16 out. 2023.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras Escolhidas).
- BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 197-221. (Obras Escolhidas).
- BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CAMPOS, Kátia Maria Nunes. Vestígios da mineração de ouro na Serra do Veloso: uma contribuição à geo-história de Ouro Preto – MG. *Revista Espinhaço*, Diamantina, v. 3, n. 2, p. 15-27, 2014. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.3964697>
- CRESWELL, John W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Tradução: Luciana Oliveira da Rocha. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- CUNHA, Nara Rúbia de Carvalho; PRADO, Guilherme do Val Toledo. Memórias e sensibilidades numa produção de conhecimentos histórico-educacionais. *Revista Memória em Rede*, Pelotas, v. 10, n. 17, p. 26-45, jul./dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.15210/rmr.v9i17.11023>
- FAUSTINO, Maria Cecília Machado. **Patrimônio Cultural**: diálogos sobre as potencialidades de uma educação patrimonial que siga ao encontro de sensibilidades insurgentes. 2022. 115 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade São Francisco, Itatiba, 2022. Disponível em: <https://www.usf.edu.br/galeria/getImage/385/4135715288847989.pdf>. Acesso em: 16 out. 2023.
- GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Memória, história e tempo: perspectivas teórico-metodológicas para a pesquisa em ensino de história. *Cadernos do CEOM - Memória, História e Educação*, v. 21, n. 28, p. 15-30, 2009. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/152>. Acesso em: 12 maio 2023.

GEWIRTZ, Sharon. Reflexividade ética na análise de políticas: conceituação e importância. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 2, n. 1, p. 7-12, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/298/305>. Acesso em: 16 out. 2023.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

MAINARDES, Jefferson; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Autodeclaração de princípios e de procedimentos éticos na pesquisa em Educação. In: ANPED. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ed.). *Ética e pesquisa em Educação: subsídios*. Volume 1. Rio de Janeiro: ANPED, 2019. p. 205-211. 3 v. Disponível em: [https://anped.org.br/sites/default/files/images/etica\\_e\\_pesquisa\\_em\\_educacao\\_28\\_junho\\_2021.pdf?\\_ga=2.166387646.1635477448.1628647253-1379707538.1579529495](https://anped.org.br/sites/default/files/images/etica_e_pesquisa_em_educacao_28_junho_2021.pdf?_ga=2.166387646.1635477448.1628647253-1379707538.1579529495). Acesso em: 16 out. 2023.

OLIVEIRA, Leandro Duque de. *Ocupação urbana de Ouro Preto de 1950 a 2004 e atuais tendências*. 2010. 137 f. Dissertação (Mestrado em Evolução Crustal e Recursos Naturais) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2010. Disponível em: <https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/2263/1/DISSERTA%c3%87%83O-Ocupa%c3%a7%a3oUrbanaOuro.pdf>. Acesso em: 16 out. 2023.

SARAMAGO, José. *O conto da ilha desconhecida*. Lisboa: Editorial Caminho, 1999.

TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurelio. Como é possível educar sentidos e sensibilidades?. In: TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurelio (org.). *Sentidos e Sensibilidades: sua educação na história*. Curitiba: Editora da UFPR, 2012. p. 7-19.

THOMPSON, Edward Palmer. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Organizado por Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. Campinas: Unicamp, 2001.